



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
CURSO DE LETRAS**

GABRIEL HENRIQUE SOUZA CORREA MAGALHÃES

**O(S) SENTIDO(S) DE “FASCISMO” NO EMBATE DE POSIÇÕES IDEOLÓGICAS:
OS DISCURSOS POLÍTICO-MIDIÁTICOS DURANTE A CORRIDA
PRESIDENCIAL DE 2018 NO BRASIL**

Campo Grande/MS
2018



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE
CURSO DE LETRAS

GABRIEL HENRIQUE SOUZA CORREA MAGALHÃES

**O(S) SENTIDO(S) DE “FASCISMO” NO EMBATE DE POSIÇÕES IDEOLÓGICAS:
OS DISCURSOS POLÍTICO-MIDIÁTICOS DURANTE A CORRIDA
PRESIDENCIAL DE 2018 NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Bacharelado em
Letras da Fundação Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul – UEMS, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Aline Saddi
Chaves

Campo Grande/MS

2018

MAGALHÃES, Gabriel Henrique Souza Correa.

O(s) sentido(s) de “fascismo” no embate de posições ideológicas: os discursos político-midiáticos durante a campanha presidencial de 2018. 32 p.

UEMS. Campo Grande, MS. 2018.

Monografia de Conclusão de Curso.

Palavras-chave: análise do discurso francesa; fascismo; memória discursiva; campanha presidencial de 2018.

GABRIEL HENRIQUE SOUZA CORREA MAGALHÃES

**O(S) SENTIDO(S) DE “FASCISMO” NO EMBATE DE POSIÇÕES IDEOLÓGICAS:
OS DISCURSOS POLÍTICO-MIDIÁTICOS DURANTE A CORRIDA
PRESIDENCIAL DE 2018 NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Bacharelado em
Letras da Fundação Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul, como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em Letras.

Aprovado em: _____

Conceito: _____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Aline Saddi Chaves
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Presidente

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Membro

Profa. Me. Maiara Cano Romero Pereira
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Membro

DEDICATÓRIA

Para você que se interessou em ler o que foi escrito aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus acima de tudo.

Aos meus pais, irmão e toda a família pelo suporte por todos esses anos em que nunca duvidaram que eu colaria grau.

Agradeço a todos meus professores na universidade e na escola, em especial a minha orientadora, Profa. Aline, pelo exemplo de responsabilidade e extraordinária competência, além da atenção gentilmente concedida aos meus estudos.

Agradeço ao Prof. Nataniel, que sempre apareceu com a luz nas horas mais escuras.

Agradeço à Profa. Maiara, pelos puxões de orelha e por ter aceitado participar da banca.

Agradeço ao Prof. Volmir, grande amigo nessa caminhada.

Agradeço à Profa. Adriana, exemplo de amor à profissão.

Agradeço ao Prof. Altamir, exemplo para a vida.

E agradeço ao Prof. Ravel, sempre disposto a transmitir conhecimentos e aberto ao diálogo tanto dentro quanto fora da sala de aula.

EPÍGRAFE

A menor minoria na Terra é o indivíduo. Aqueles que negam os direitos individuais não podem se dizer defensores das minorias.

AynRand

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objeto de estudo o(s) sentido(s) da palavra “fascismo” nas condições de produção do discurso político-midiático que caracterizam sua alta circulação durante o período que antecede as eleições presidenciais de 2018 no Brasil. No contexto da intensa polarização ideológica, observada no cenário político brasileiro, desencadeada pelas manifestações de 2013, seguidas do processo que afastou Dilma Rousseff da Presidência da República, palavras como “fascismo” e “nazismo” têm circulado como forma de nomear movimentos políticos de direita, por parte de alguns setores da esquerda. O presente estudo fundamenta-se na perspectiva teórica da análise do discurso francesa, tendo em vista que esta disciplina leva em consideração a relação entre língua, sujeito e ideologia, o que nos permite explicar o(s) sentido(s) de “fascismo” em seu contexto histórico, de modo a considerá-la do ponto de vista da formação ideológica que autoriza seu(s) uso(s) no cenário político atual. Buscamos analisar discursos atuais, encontrados em meios digitais e propagados nas redes sociais que têm atribuído o termo “fascismo” e/ou “fascista” a determinadas pessoas e grupos políticos, além de investigar discursos do mesmo espectro político, mas que apresentam contrariedades quanto a essa prática de atribuir a palavra “fascismo” a alguém de maneira indiscriminada. Para tanto, no corpus desse trabalho, foram analisados textos editoriais publicados no site oficial do PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados) e um artigo publicado no portal de notícias Brasil 247.

Palavras-chave: análise do discurso francesa; memória discursiva; campanha presidencial de 2018; fascismo.

ABSTRACT

This research aims to study of the meaning of the word "fascism" in the conditions of production of the political-mediatic discourse that characterized its high circulation during the period leading up to the 2018 presidential elections in Brazil. In the context of the intense ideological polarization observed in the Brazilian political scene triggered by the demonstrations of 2013, followed by the process that drove Dilma Rousseff away from the Presidency of the Republic, words like "fascism" and "Nazism" been used to define right-wing political movements by the left. The present study is based on the theoretical perspective of the French discourse analysis, considering that this discipline takes into account the relationship between language, subject and ideology, which allows us to explain the meaning of "fascism" in its historical context, in order to consider it from the point of view of the ideological formation that makes possible its use in the current political scenario. We seek to analyze current discourses found in digital media and shared in social networks that have attributed the term "fascism" and / or "fascist" to certain individuals and political groups, as well as to investigate discourses of the same political spectrum, this practice of assigning the word "fascism" to someone in an indiscriminate manner. For that, in the corpus of this work, editorial texts published on the official website of the PSTU (Socialist Party of Unified Workers) and an article published in the Brazilian news portal 247 were analyzed.

Keywords: french discourse analysis; fascism; discursive memory; presidential campaign of 2018.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. O “FASCISMO” COMO REGIME POLÍTICO: NOTAS SOBRE SUA HISTÓRIA.....	13
2. SITUANDO A ANÁLISE DO DISCURSO.....	23
3.1 DISCURSO E SUJEITO.....	23
3.2 FORMAÇÃO DISCURSIVA E FORMAÇÃO IDEOLÓGICA.....	25
3. ANÁLISE DO CORPUS: O USO DA PALAVRA “FASCISMO” PELA ESQUERDA.....	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso pretende investigar, por meio do referencial teórico da análise do discurso francesa ao apoiar-se em autores como EniOrlandi, Foucault, e Pêcheux e Mussalim, o(s) sentido(s) da palavra “fascismo”, quando utilizada por diferentes formações discursivas em torno das discussões políticas que marcam o cenário pré-eleições presidenciais no Brasil em 2018.

Destaca-se, inicialmente, que o cenário político brasileiro passou por uma abrupta transformação desde as manifestações populares que marcaram o ano de 2013, nas quais grandes movimentos de massa tomaram as ruas e foram identificados pelas mídias como movimentos espontâneos, mas que por outro lado, segundo Morgenstern (2015, l. 438), caracterizaram-se por uma “agitação pública promovida por sindicatos e movimentos revolucionários, mascarando seu desejo de controle estatal comunista sob nomes mais apreciáveis ao grande público do século XXI, como Passe Livre ou Occupy”, como descrito na obra *Por Trás da Máscara: do Passe Livre aos Black Blocs, as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*, uma das poucas a tratar sobre as manifestações de 2013 e suas consequências para o cenário político do Brasil nessa segunda década do século XXI.

Após as manifestações, uma grande quantidade de fatos ocorreu no cenário político, tais como: o impeachment da ex-presidente da República Dilma Rousseff; os desdobramentos da operação Lava-Jato que levaram à condenação de diversos políticos e empresários envolvidos em casos de corrupção, entre eles, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva; conflitos entre os poderes Legislativo, Judiciário e Executivo. Todos esses fatos contribuíram para a polarização entre os agentes políticos brasileiros e levou a um desgaste aos olhos da população, atingindo partidos que estavam há anos no poder e seus membros.

Como resultado desses acontecimentos, pode-se observar, no contexto político brasileiro atual, uma polarização ideológica, em que os extremismos tornaram-se mais evidentes em todas as faces do espectro político-midiático. Esse extremismo deu origem a discussões acaloradas em diferentes espaços de produção de discursos, seja institucionalizados – universidades, imprensa –, seja ordinários – movimentos de ação coletiva nas ruas e nas redes sociais do ambiente digital.

Tendo como hipótese que tais discussões são mais pautadas em opiniões do que em fatos, isso leva o debate a um ponto em que a racionalidade (*logos*) é colocada de lado, e substituída pela subjetividade dos interlocutores (*ethos*, *pathos*), para empregar as noções

retóricas da argumentação persuasiva (ARISTÓTELES, 1998), em contraposição aos argumentos lógicos.

A partir do momento no qual a subjetividade se sobrepõe à razão, o debate é inflamado pela emoção e passa a ser conduzido com base em acusações pessoais, xingamentos e agressões. A agressão verbal é a mais comum e, a partir dela, cria-se uma guerra de narrativas na qual os interlocutores passam a atribuir, uns aos outros, termos como “fascista”, “comunista” e “nazista”, naturalizando e até mesmo banalizando termos que possuem uma história e uma memória social.

No âmbito político-partidário que marca a campanha presidencial de 2018, parte dos movimentos de esquerda, que se dizem mais próximos ao centro e mais moderados, têm atribuído não somente a culpa dessa polarização, mas também esse suposto “fascismo” e autoritarismo, a figuras políticas que se dizem de direita, a exemplo do candidato Jair Bolsonaro (PSL), recém-eleito Presidente da República do Brasil, bem como seus eleitores e integrantes de movimentos políticos como o MBL (Movimento Brasil Livre). Enquanto isso, outros setores da esquerda, considerados historicamente mais extremos, como é o caso do PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados), têm se manifestado contra a banalização do termo “fascismo”, como forma de denunciar as práticas de movimentos de direita. Surge, assim, um embate de posições ideológicas que se materializam em torno da discursivização de “fascismo”, “comunismo”, “nazismo”.

Quando termos como os citados são naturalizados e banalizados, coloca-se a questão, para o analista do discurso, como essas palavras estão sendo utilizadas e quais sentidos estão sendo produzidos. Em obra sobre a história do fascismo, Payne (1995) diz que, ao final do século XX, o termo “fascismo” continua sendo, provavelmente, um dos termos políticos mais vagos. Sobre o uso da palavra “fascismo”, o autor diz que, se usada simplesmente para descrever práticas autoritárias, regimes comunistas também deveriam ser classificados como fascistas.

Fascist has been one of the most frequently invoked political pejoratives, normally intended to connote “violent”, “brutal”, “repressive” or “dictatorial”. Yet if *fascism* means no more than that, then Communist regimes, for example, would probably have to be categorized as among the most fascist, depriving the word of any useful specificity.” (PAYNE, 1995, p. 3)¹

¹ O fascismo tem sido um dos pejorativos políticos mais frequentemente invocados, normalmente destinados a conotar “violento”, “brutal”, “repressivo” “ou ditatorial”. No entanto, se o fascismo não significa mais do que isso, então os regimes comunistas, por exemplo, provavelmente teriam de ser categorizados como os mais fascistas, privando a palavra de qualquer especificidade útil.

Dessa maneira, uma análise que retome o sentido histórico de fascismo e o relacione a discursos atuais que atribuem práticas fascistas a determinados grupos, assim como com discursos que são contrários a essa atribuição, encontra sua justificativa na necessidade de se compreender a circulação de palavras que possuem uma memória histórica e discursiva, bem como para se compreender os efeitos de sentido envolvidos em seu emprego, como é o caso da palavra “fascismo”, que carrega uma carga histórica de um período que ficou marcado pelas grandes guerras mundiais da história da humanidade.

Neste trabalho, sob a ótica da Análise do Discurso, tomando como objeto dois artigos publicados no site do PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados) e um artigo publicado no site de notícias Brasil 247 que estão pautando discussões e debates no cenário político brasileiro, pretendemos: situar o sentido histórico de fascismo, buscando compreender as suas características e nuances que tornem possível atribuir essa definição a alguém ou a algum grupo ao analisar discursos atuais que têm atribuído o termo a determinadas pessoas e grupos políticos; desenvolver uma reflexão acerca do uso indiscriminado dessa palavra e suas consequências; analisar diferentes pontos de vista a respeito do uso da palavra “fascismo” no atual cenário político e eleitoral brasileiro, buscando como base o sentido histórico do termo em questão e sua aplicação política ao longo dos anos.

Nesse sentido, pretendemos investigar o embate das formações discursivas do mesmo espectro político, que, em nossa hipótese, se contrariaram e refletem sobre essa divergência de discursos que compõem uma orientação ideológica no mesmo lado do espectro político.

2. O “FASCISMO” COMO REGIME POLÍTICO: NOTAS SOBRE SUA HISTÓRIA

No atual cenário da política brasileira, a alcunha de “fascista”, ou até mesmo de “nazista”, tem sido atribuída por opositores aos movimentos de direita, tais como o MBL – Movimento Brasil Livre, e ao deputado federal Jair Bolsonaro, candidato recém-eleito para a presidência da República pelo PSL – Partido Social Liberal, e seus apoiadores, ou até a qualquer pessoa que não se identifique imediatamente a movimentos de esquerda. A militância de esquerda tem usado esse termo, em discussões políticas nas universidades e nas mídias sociais, para definir aqueles a quem se opõem, sem associar seus adversários políticos de fato às características históricas do fascismo.

Um movimento de esquerda nas redes sociais recente que tem feito uso dessa terminologia, por exemplo, ficou conhecido pelo uso dahashtag² “Ele Não”, uma frase usada para dizer “não” à candidatura de Jair Bolsonaro. Entretanto, esse movimento não tem apenas advogado contra o candidato em questão, mas também tem sido usado para expressar apoio ao projeto do outro partido que concorreu às eleições, o PT – Partido dos trabalhadores. Portanto, movimentos como este se dizem defensores da democracia, enquanto nomeiam de “fascistas” os seus opositores, aproveitam para fazer propaganda a outro projeto cujas características discutiremos mais adiante, e retomaremos essa reflexão na análise do corpus.

Além disso, é interessante notar como, nesses casos, os usos dos termos “fascista” e “nazista” são usados como sinônimos de forma pejorativa para atingir um adversário político, desconsiderando que há muitas diferenças a serem consideradas entre fascismo e nazismo. A fim de compreender os efeitos de sentido do termo “fascismo” e “fascista”, na atual conjuntura política brasileira, propomo-nos, neste item, a resgatar a história do fascismo, tendo por base fontes teóricas relevantes ao tema.

O fascismo surgiu na Europa no período em que se desencadearam as grandes guerras mundiais e, desde então, surgiram diferentes formas de interpretá-lo. Para a contextualização histórica das origens e ascensão do fascismo, nos apoiaremos na obra *A History of Fascism, 1914-1945*, de Stanley Payne. A obra de Payne reúne informações acerca dos eventos que levaram à formação do fascismo, além de distintas maneiras de interpretá-lo. De acordo com Payne (1995), desde a Marcha sobre Roma em 1922, muitos analistas têm formulado interpretações ou teorias para explicar o fascismo, mas, segundo ele, não cabem

² Recurso de agrupamento que identifica grupos ou conteúdos específicos em alguns sites, através do símbolo “#”, antes de uma palavra ou expressão, com o objetivo de facilitar a pesquisa pelo assunto com o qual esse símbolo se relaciona: algumas hashtags espalham boas ideias pelas redes sociais.

explicações que se apoiem em uma única causa ou teorias simples para tentar entender essa forma de radicalismo emergente da Primeira Guerra Mundial. Com o passar do tempo, o termo começou a ser aplicado por autores marxistas e teóricos de esquerda para descrever alguns regimes na Europa, e passou a ser cada vez mais usado de forma pejorativa em referência a seus opositores políticos. Na União Soviética, o termo também passou a ser usado para difamar opositores, sendo aplicado como um sinônimo para o Nacional-Socialismo Alemão.

Payne (1995) esclarece que o debate sobre o fascismo, na academia, foi retomado entre os anos de 1960 e 1970, porém, nenhum consenso sobre uma interpretação foi alcançado. Desde o século XIX, tanto a Itália quanto a Alemanha passavam por problemas de identidade nacional, sendo essas umas das novas nações formadas entre 1860 e 1870. Embora a unificação italiana tenha acontecido em 1860 e a unificação alemã seja de 1871, ao compararem-se os dois Estados, nota-se que a Alemanha se tornou um país desenvolvido muito mais rapidamente, logo atingindo um crescimento considerável na indústria, na ciência e militarmente, enquanto a Itália tinha uma economia essencialmente agrária, subdesenvolvida e de pouco poder militar. Nessa época, o movimento na Itália que ficou conhecido como *Risorgimento* estimulou a combinação de políticas de autoafirmação nacional, com uma política interna de desenvolvimento social e econômico. Isso levou ao crescimento do nacionalismo no país, que teve entre seus líderes figuras como Giuseppe Mazzini, em um país no qual havia poucos avanços e a desigualdade social aumentava, sendo criada, em 1910, a Associação Nacionalista Italiana, que tinha entre seus membros Enrico Corradini. Nacionalistas como Corradini diziam que o problema da Itália não estava nos baixos salários dos trabalhadores e na desigualdade, mas no status internacional que o país tinha, por ser uma nação proletária, e dizia que o nacionalismo seria responsável por construir uma nação forte, moderna e próspera. Dessa maneira, deveria haver uma revolução nacionalista acima da revolução de classes (PAYNE, 1995). O fascismo que surgiria a partir desse conceito atrairia anos depois os socialistas, particularmente os sindicalistas revolucionários, que acreditavam na ideia marxista da luta de classes, mas que foram convencidos de que, em vez da revolução baseada em classes, deveria haver uma revolução baseada no sentimento de nacionalismo.

The nucleus that eventually founded Fascism in Italy, did not, however, stem either from the cultural elite or from the right-wing nationalists, but from the

transformation of part of the revolutionary left, particularly the sector known as revolutionary syndicalists. (PAYNE, 1995, p. 66)³

Esse grupo, conhecido como “revolutionary syndicalists”, surgiu na França em 1890, como uma forma de reagir à fragilidade política que eles viam nos socialistas e, para eles, a única forma de alcançar a revolução seria por meio de táticas mais radicais, como uma grande greve geral que possibilitaria reestruturar a sociedade a partir dos sindicatos (PAYNE, 1995). Na Itália, esse movimento começou a crescer após 1900 e, enquanto definiam a si mesmos como marxistas, apresentavam doutrinas e táticas mais radicais que os marxistas, até deixarem o Partido Socialista Italiano em 1907. Durante esse período, o grupo liderou uma onda de greves em 1909 e, no processo, seus líderes, como Arturo Labriola, começaram a elaborar a teoria de que havia uma discriminação a nível internacional contra os trabalhadores italianos. Labriola desenvolveu o conceito de “proletarianation”, que via o proletariado italiano como a própria nacionalidade italiana, e não apenas como uma classe e que considerava todos os trabalhadores italianos como objetos de exploração internacionalmente. Desse modo, a revolução deveria passar inicialmente pela classe trabalhadora que, por ser identificada como uma identidade nacional, atingiria o nacionalismo proposto pelos nacionalistas.

Nesse contexto, aparece a figura de Benito Mussolini. Segundo Payne (1995), Mussolini, o líder do fascismo italiano, serviu na Primeira Guerra Mundial, estando na *front* de batalha até se lesionar gravemente em fevereiro de 1917 e se retirar do serviço militar após o incidente. Durante a guerra, cresceu em Mussolini um grande sentimento nacionalista e criou-se um objetivo de combinar o nacionalismo com alguma forma de socialismo, enquanto julgava contraditória a ditadura comunista na Rússia. “*During the war his commitment to nationalism became complete and extreme, and his goal became combining nationalism and some form of socialism that would come to terms with all classes*”⁴(PAYNE, 1995, p.87). Mussolini atuou primeiramente na política como membro do Partido Socialista Italiano, no qual havia uma divisão entre reformistas e revolucionários e, a partir de 1912, obteve controle do partido ao lado dos revolucionários. Aos poucos, tomado pelo sentimento de nacionalismo, foi se distanciando da posição neutra adotada pelos socialistas em relação à Primeira Guerra

³ O núcleo que eventualmente fundou o fascismo na Itália, no entanto, não se originou nem da elite cultural nem dos nacionalistas de direita, mas da transformação de parte da esquerda revolucionária, particularmente do setor conhecido como sindicalistas revolucionários.

⁴ Durante a guerra, seu compromisso com o nacionalismo tornou-se completo e extremo, e seu objetivo passou a combinar nacionalismo e alguma forma de socialismo que chegasse a um acordo com todas as classes.

Mundial, até começar a criar um novo movimento em que seria necessária uma nova elite nacionalista capaz de mobilizar as massas para uma “revolução Italiana”. Após o fim da Primeira Guerra, tanto os nacionalistas quanto os socialistas esperavam que começasse uma época de prosperidade no caminho italiano. Porém, em março de 1919, um movimento reunindo intervencionistas de esquerda e nacionalistas formou um novo movimento, chamado *Fasci Italiani di Combattimento*, que incluía sindicalistas, ex-socialistas agora chamados de nacionalistas, os futuristas e alguns ex-membros das forças armadas italianas.

“They comprised revolutionary syndicalists turned national syndicalists, a few former Socialists who had made the journey to extreme nationalism with Mussolini, Marinetti and some of his Futurists (who were relinquishing efforts begun shortly before to found a Partito Politico Futurista), and all above some former members of the Italian army commandos known as *arditi* (who had worn black uniforms during the war to symbolize the color of death)⁵.” (PAYNE, 1995, p. 90).

Os líderes do fascismo, sendo Mussolini o principal deles, tinham como propostas, sob a intenção de alcançar a democracia e renovar a nação, pontos como a descentralização do poder executivo e o confisco de capital e terras improdutivas para redistribuir aos camponeses. Essas características de uma política de esquerda, que colocam mais poder nas mãos do Estado, não são às que as pessoas geralmente se referem quando falam de fascismo (PAYNE, 1995). As tensões e divergências entre o movimento fascista e os socialistas na Itália foram aumentando cada vez mais, até um ponto no qual a violência entre os grupos começou a se tornar cada vez mais comum e, aos poucos, o movimento fascista foi alcançando o poder.

Uma das primeiras e mais conhecidas interpretações para o fenômeno do fascismo encontra-se na obra *Fascism and Social Revolution*, de R. Palme Dutt. Dutt (1934) oferece uma interpretação marxista-leninista para a definição de fascismo. Uma visão baseada na ideia de que o mundo se move por meio da luta de classes e que se perpetuou na academia ao longo dos anos. O autor, em um primeiro momento, admite o equívoco em tratar o fascismo apenas como uma forma de expressão de violência, militarismo e opressão, então expressa a necessidade de uma análise mais profunda. A partir de uma perspectiva marxista, Dutt atribui o surgimento do fascismo em uma sociedade como decorrência de uma crise do sistema

⁵ Eles incluíam sindicalistas revolucionários transformados em sindicalistas nacionais, alguns ex-socialistas que haviam feito a transição ao nacionalismo extremo com Mussolini, Marinetti e alguns de seus futuristas (que renunciaram aos esforços iniciados pouco antes para fundar um Partido Político Futurista), e acima de tudo, alguns antigos membros dos comandos do exército italiano, conhecidos como *arditi* (que tinham usado uniformes pretos durante a guerra para simbolizar a cor da morte).

capitalista, ao considerá-lo incompatível com os meios de produção. E a única forma de sobreviver a essa crise seria pela revolução do proletariado para cessar a divisão entre classes. Sob essa perspectiva de uma crise no capitalismo, o autor diz que apenas dois caminhos seriam possíveis para a sociedade: o fascismo ou o comunismo. O caminho do fascismo é definido para Dutt como:

“One is to endeavour to strangle the powers of production, to arrest development, to destroy material and human forces, to fetter international exchange, to check science and invention, to crush the development of ideas and thought, and to concentrate on the organisation of limited, self-sufficient, non-progressive hierarchic societies in a state of mutual war – in short, to force back society to a more primitive stage in order to maintain the existing class domination. This is the path to fascism, the path to which the bourgeoisie in all modern countries where it rules is increasingly turning, the path of human decay”⁶ (DUTT, 1934, p.25).

Enquanto o caminho para o comunismo é definido da seguinte maneira:

“The other alternative is to organize the new productive forces as social forces, as the commonwealth of the entire existing society for the rapid and enormous raising of the material basis of society, the destruction of poverty, ignorance and disease and of class and national separations, the unlimited carrying forward of science and culture, and the organisation of the world communist society in which all human beings will for the first time be able to reach full stature and play their part in the collective development of the future humanity. This is the path of Communism, the path to which the working masses who are the living representatives of the productive forces and whose victory over capitalist class domination can alone achieve the realisation of this path, are increasingly turning; the path which modern science and productive development makes both possible and necessary, and which opens up undreamt-of possibilities for the future development of the human race”⁷ (DUTT, 1934, p. 25-26)

Dutt (1934) continua sua interpretação dizendo que imaginar um terceiro caminho é uma ilusão e que essa ilusão apenas será mais um passo em direção ao fascismo. O autor

⁶ Esforçar-se para estranhar os poderes de produção, deter o desenvolvimento, destruir forças materiais e humanas, impedir o intercâmbio internacional, controlar a ciência e a invenção, esmagar o desenvolvimento de ideias e pensamentos e concentrar-se na organização de sociedades hierárquicas limitadas, auto-suficientes e não-progressistas em um estado de guerra mútua - em suma, para forçar a sociedade de volta a um estágio mais primitivo a fim de manter a dominação de classe existente. Este é o caminho para o fascismo, o caminho para o qual a burguesia em todos os países modernos onde governa está cada vez mais voltada, o caminho da decadência humana.

⁷ A outra alternativa é organizar as novas forças produtivas como forças sociais, como a comunidade de toda a sociedade existente para a rápida e enorme elevação da base material da sociedade, a destruição da pobreza, da ignorância e da doença e das separações de classe e nacional, o avanço ilimitado da ciência e da cultura e a organização da sociedade comunista mundial na qual todos os seres humanos poderão, pela primeira vez, alcançar a plena estatura e desempenhar seu papel no desenvolvimento coletivo da humanidade futura. Este é o caminho do comunismo, o caminho para o qual as massas trabalhadoras, que são os representantes vivos das forças produtivas e cuja vitória sobre a dominação de classe capitalista pode, sozinha, alcançar a realização desse caminho; o caminho que a ciência moderna e o desenvolvimento produtivo tornam possíveis e necessários, e que abre possibilidades inimagináveis para o futuro desenvolvimento da raça humana.

argumenta que uma revolução do proletariado pode impedir o fascismo, como foi feito na Rússia, “The social revolution can forestall Fascism, as it has done in Russia”⁸ (DUTT, 1934, p. 27). E continua ao dizer que a vitória de uma ditadura do proletariado seria o caminho para barrar o fascismo. “The only final guarantee against Fascism, the only final wiping out of the causes of Fascism, is the victory of the proletarian dictatorship”⁹ (DUTT, 1934, p. 27). E ainda de acordo com o autor, o fascismo é um meio que pode ser usado pela classe capitalista para governar em condições de extrema decadência, “Fascism is only a form, a means of capitalist class rule in conditions of extreme decay”¹⁰ (Dutt, 1934, p. 28). Dutt ainda destaca as consequências do fascismo, “if fascism succeeds for a period in organising its basis of civil war and violent reactionary dictatorship, an enormous consequence destruction of material wealth, of human lives and culture, can take place, and increasingly threatens”¹¹ (DUTT, 1934, p. 28).

Entretanto, ao analisar o fascismo na prática, como o sistema implantado por Mussolini na Itália, em que prevaleceu a concentração do poder econômico nas mãos do Estado e que tinha um caráter anticapitalista e antiliberal, lembrando a máxima de Mussolini para caracterizar o fascismo “Tudo no Estado, nada contra o Estado e nada fora do Estado”, não se visualiza um cenário em que a classe capitalista teve o comando, mas, contrariamente, o controle do Estado por Mussolini.

Apesar de o fascismo ter se oposto aos socialistas italianos e ter sido caracterizado como antissocialista, isso não quer dizer que os fascistas eram capitalistas. Na realidade, essa oposição esteve ligada ao fato de que os socialistas foram contra a entrada da Itália na Guerra, enquanto Mussolini pretendia levar a Itália ao combate, era contra o sentimento antinacionalista dos socialistas e acreditava ser possível uma fusão entre nacionalismo e socialismo. Os pensadores fascistas, em sua grande maioria, haviam sido marxistas, mas se deram conta de que apenas pela luta de classes não seria possível alcançar o proletariado e seria necessário apelar ao nacionalismo. Nesse caso, o interesse político se sobressaía ao interesse dos capitalistas. O fascismo na Alemanha, que ficou conhecido como Nacional-Socialismo, passou pela mesma situação. Payne (1995) reflete sobre essa interpretação que

⁸A revolução social pode prevenir o Fascismo, como foi feito na Rússia.

⁹A única garantia final contra o fascismo, a única derradeira final das causas do fascismo, é a vitória da ditadura do proletariado.

¹⁰O fascismo é apenas uma forma, um meio de domínio de classe capitalista em condições de extrema decadência

¹¹Se o fascismo sucumbir por um período na organização de sua base de guerra civil e ditadura reacionária violenta, uma conseqüente enorme destruição da riqueza material, da vida e da cultura humanas, pode ocorrer, e cada vez mais ameaça.

muitos marxistas fizeram sobre uma suposta dominação capitalista da economia alemã durante o Nacional-Socialismo e que, na verdade, estava mais perto de ser o oposto disso. O autor cita Alan Milward, um estudioso das economias dos regimes fascistas que afirma que os governos fascistas não preservaram o sistema capitalista, mas mudaram as regras do jogo para um novo sistema emergente.¹² Payne, (1995) ainda afirma que é duvidoso que um triunfo de Hitler teria beneficiado e salvado o capitalismo alemão e que a economia alemã teve muito mais autonomia sob democracias liberais antes e depois de Hitler, no seguinte trecho: “German capitalism enjoyed much more autonomy under liberal democracy both before and after Hitler¹³” (PAYNE, 1995, p.190). O autor diz, ainda, que o que “salvou o capitalismo alemão” foi a derrota do Nacional-Socialismo pelas potências capitalistas anglo-americanas e a incorporação da Alemanha Ocidental na esfera do Ocidente durante a Guerra Fria (PAYNE, 1995). Essa interpretação é importante para compreender o uso da palavra fascismo hoje em dia e a retomaremos na análise do corpus. De acordo com Payne, as teorias marxistas-leninistas, como a de Dutt, que definiram o fascismo como um agente do capitalismo, logo caíram em contradição quando teóricos marxistas-leninistas, como Trofim Kichko começaram a corroborar essa ideia ao dizer que o nazismo foi uma trama criada pelos próprios judeus e que Hitler e outros líderes nazistas teriam sido meros instrumentos nas mãos dos judeus capitalistas.

O autor também cita a interpretação do fascismo como um radicalismo das classes médias. Essa visão sugerida por autores como Luigi Salvatorelli em *Nazionalfascismo* (1923) parte da ideia de que o fascismo não teria sido um agente do capital, mas da classe média ressentida por lhe ter sido negado o status de elite, e por esse motivo pretendiam formar um novo sistema, que a privilegiaria. Entretanto, como explicitado por Payne, essa interpretação falha em explicar o grande número de apoiadores do fascismo em países como a Alemanha, a Hungria e a Romênia.

Payne (1995) traz algumas interpretações para o fascismo, além de buscar uma definição genérica para o movimento, classificando-o como um governo em que haja uma busca pelo estabelecimento de uma nova cultura; ênfase em uma liderança autoritária; negação de filosofias como o liberalismo, o comunismo e o conservadorismo. Ainda observa-se um movimento em que as massas se mobilizem buscando a organização de aparatos paramilitares. Se procurarmos algumas dessas características em movimentos políticos na

¹² A. Milward, “Fascism and the Economy”, in *Fascism: A Reader’s Guide*, ed. W. Laqueur (Berkeley, 1976), 399.

¹³ O capitalismo alemão desfrutou de muito mais autonomia sob a democracia liberal antes e depois de Hitler.

história, seria possível encontrar movimentos tanto de direita quanto de esquerda que poderiam ser chamados de fascistas. O autor ainda traça paralelos entre a manifestação do fascismo na Alemanha, o Nacional-Socialismo e o comunismo na Rússia, dizendo que em alguns aspectos há muito mais em comum entre os dois movimentos do que entre o Nacional-Socialismo e o Fascismo. Dentre essas similaridades entre o Nacional-Socialismo e o comunismo na Rússia, destacam-se:

1. Frequent recognition by Hitler and various Nazi leaders (and also Mussolini) that their only revolutionary and ideological counterparts were to be found in Soviet Russia.
2. The founding of both National Socialism and Russian national communism on a revolutionary action theory, which held that success in practice validated ideological innovation, as the Soviet Union progressively relinquished main aspects of classic Marxist theory.
3. Revolutionary doctrines of “constant struggle.”
4. Rigid elitism and the leadership principle: a National Socialist was someone who followed Hitler; a Bolshevik was not necessarily a Marxist but someone who followed Lenin.
5. Espousal of the have-not, proletarian-nation theory, which Lenin adopted only after it had been introduced in Italy.
6. Construction of a one-party dictatorship independent of any particular class.
7. Major stress, not merely on a political militia (which was increasingly common in the late nineteenth and early twentieth centuries), but upon a party-army, with a regular army to be controlled by the party: by 1943 Hitler had begun to introduce “National Socialist guidance officers” in the regular army as the equivalent of commissars.
8. Emphasis on autarchy and major (not merely partial) militarization, though the absence of a totalitarian state bureaucratic system and economy in Germany made this proportionately somewhat less thoroughgoing than in Russia; and promotion of revolutionary war whenever possible as an alternative to complete and balanced internal development.
9. A New Economic Policy phase of partial pluralism on the road to more complete dictatorship (common, of course, to most dictatorial systems, though more abbreviated in countries such as China and Cuba).
10. International projection of a new ideological myth as an alternative to prevailing orthodoxies, capable of eliciting a not insignificant international response: variants of Fascist and Nazi ideologies constituted the last notable ideological innovations in the modern world after Marxism.¹⁴(PAYNE, 1995, p. 210-211)

¹⁴1. Frequente reconhecimento por Hitler e vários líderes nazistas (e também Mussolini) de que suas únicas contrapartes revolucionárias e ideológicas seriam encontradas na Rússia Soviética.

2. A fundação do Nacional-Socialismo e do comunismo nacional russo em uma teoria de ação revolucionária, que sustentava que o sucesso na prática validava a inovação ideológica, à medida que a União Soviética progressivamente abandonava os principais aspectos da teoria marxista clássica.

3. Doutrinas revolucionárias de “luta constante”.

4. Elitismo rígido e o princípio da liderança: um nacional-socialista era alguém que seguia Hitler; um bolchevique não era necessariamente um marxista, mas alguém que seguia Lênin.

5. Apoiador da teoria da nação proletária, que Lenin adotou somente depois de ter sido introduzida na Itália.

6. Construção de uma ditadura de partido único independente de qualquer classe particular.

7. Grande estresse, não apenas em uma milícia política (que era cada vez mais comum no final do século XIX e início do século XX), mas em um exército partidário, com um exército regular a ser controlado pelo partido: em 1943, Hitler começara a introduzir oficiais de orientação Nacional-Socialista no exército regular.

8. Ênfase na autarquia e na grande militarização (não apenas parcial), embora a ausência de um sistema burocrático estatal totalitário e de economia na Alemanha tenha feito isso de maneira proporcionalmente menos

O autor ressalta que essa lista não é uma tentativa de dizer que comunismo e fascismo eram essencialmente a mesma coisa, pois várias diferenças podem ser observadas entre as duas tendências. Entretanto, ele demonstra que vários paralelos podem ser traçados e o que denota ainda mais a complexidade do objeto desta pesquisa, principalmente quando a esquerda, a qual tem uma aproximação histórica com o marxismo e com o comunismo, usa o termo fascismo para seus opositores ao escolher características soltas do fascismo sem contextualizá-las. Logo, se essa mesma lógica fosse seguida poderiam ser chamados de fascistas, também os comunistas, já que há várias similaridades entre as duas vertentes. Essa relação entre as duas correntes é explorada por alguns autores como veremos na interpretação a seguir.

De acordo com Payne (1995), críticos liberais como Mario Missiroli e Luigi Salvatorelli são os primeiros a comentar a respeito da similaridade entre o fascismo e o comunismo ao tratar o fascismo e o bolchevismo como irmãos que tinham em si o espírito da violência. Otto Bauer também fez essas comparações e disse que enquanto um movimento já tinha se estabelecido, o outro buscava estabelecer uma ditadura. Até Trotsky concordou com a existência dessas semelhanças, embora não tenha adotado completamente essa tese porque, na visão trotskista, a burguesia teria preservado o seu poder econômico no fascismo. Por considerar inúmeras semelhanças como totalitarismo, terrorismo, estado centralizado, alta burocracia, entre outros, autores como Luigi Sturzo foram mais enfáticos ao definir o bolchevismo como “fascismo de esquerda” e o fascismo como “bolchevismo de direita”. Além dele, outros autores alemães conservadores como Waldemar Gurian e Friedrich Meinecke adotaram a mesma posição.

Além dessas citadas, ainda há várias outras interpretações que buscam uma resposta para compreender as causas do fascismo e várias contradições e discordâncias surgem entre elas. Por essas razões, Payne (1995) ainda diz que há um consenso entre historiadores de que nenhuma definição observada nos movimentos políticos fascistas serviu como base para produzir uma definição genérica para o termo.

profunda do que na Rússia; e promoção da guerra revolucionária sempre que possível, como alternativa ao desenvolvimento interno completo e equilibrado.

9. Uma nova fase de política econômica de pluralismo parcial no caminho para uma ditadura mais completa (comum, é claro, para a maioria dos sistemas ditatoriais, embora mais abreviada em países como China e Cuba).

10. Projeção internacional de um novo mito ideológico como uma alternativa às ortodoxias dominantes, capaz de suscitar uma resposta internacional não insignificante: variantes das ideologias fascista e nazista constituíram as últimas notáveis inovações ideológicas do mundo moderno depois do marxismo. (PAYNE, 1995, p. 210-211)

Com base no exposto, observa-se que a formação do fascismo e sua ascensão na Europa no século XX não podem ser explicadas de maneira simples, sem uma contextualização prévia. Há uma grande quantidade de fatos históricos envolvidos nesse período da história, sendo necessário compreender todo o contexto socioeconômico e europeu não apenas durante a Primeira Guerra Mundial, mas até antes disso, que ainda possibilitam a chegar a diferentes interpretações sobre o assunto. Destaca-se aqui, que esse trabalho não esgota todas as interpretações e todos os autores que escreveram sobre fascismo ao longo dos anos. O fascismo nasceu e ganhou força graças a características muito próprias da sociedade europeia no final do século XIX e início do século XX. Qualquer maneira de associar o fascismo a movimentos políticos atuais requer uma investigação histórica muito profunda para alcançar alguma conclusão.

3. SITUANDO A ANÁLISE DO DISCURSO

Enquanto disciplina teórica, a análise do discurso (doravante, AD) tem por objeto o estudo do sentido das palavras, orações, em sua relação imediata com as condições de produção dos textos/discursos, isto é, o contexto enunciativo e histórico que sustenta a tomada de fala. A origem da AD é relacionada aos estudos do filósofo francês Michel Pêcheux, na década de 1960, que inaugura uma nova forma de interpretar textos, que leve em consideração a Linguística, pela noção de língua-sistema, a História, pela noção marxista de ideologia, e a Psicanálise, pela noção de sujeito inconsciente.

A partir dessa combinação de disciplinas, a AD ultrapassa a linguística estruturalista saussuriana, que vê a língua como um sistema fechado, ao dizer que o sentido está ligado às condições imediatas da fala e ao contexto histórico e ideológico em que são produzidos os textos/discursos. Dessa maneira, o estudo do sentido está aliado também à posição-sujeito daquele que produz textos, e não ao indivíduo particular. Os estudos da análise do discurso se dividem em duas linhas, a análise do discurso francesa e a análise do discurso anglo-saxã. Nesse trabalho, enfocaremos a linha francesa. Mas, apenas para efeito de comparação, citaremos como Mussalim diferencia as duas correntes:

O que diferencia a Análise do Discurso de Origem francesa da Análise do Discurso anglo-saxã ou comumente chamada de americana, é que esta última considera a intenção dos sujeitos numa interação verbal como um dos pilares que a sustenta, enquanto a Análise do Discurso francesa não considera como determinante essa intenção do sujeito; considera que esses sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que predetermina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais. (MUSSALIM, 2003, p.113)

A seguir, trataremos de alguns conceitos importantes para o entendimento da AD.

3.1 DISCURSO E SUJEITO

EniOrlandi (2009) inicia o primeiro capítulo de seu livro *Análise de Discurso: princípios & procedimentos* definindo quais são as formas possíveis de se estudar a linguagem. Esses estudos podem ser orientados pela noção de língua, ao considerá-la como sistema de signos ou como sistema de regras formais, além de encará-la nos modelos da Gramática Normativa. A análise do discurso torna-se relevante no momento em que se percebe que as palavras podem ter significados diferentes em épocas e contextos distintos, que são determinantes para um estudo dos processos discursivos de emergência do sentido.

Por discurso, compreende-se a palavra em movimento, a língua(gem) em uso. Dessa maneira, diferentemente da visão linguística de Saussure (1975) e da concepção pragmática que considera o falante como indivíduo, a AD não trata da língua de maneira abstrata e fechada em si mesma, mas trata especificamente dos estudos em relação ao uso da língua, do sentido que é encontrado no discurso, e que se relaciona com a história. Esses sentidos são produzidos ao considerar-se o contexto ou condições de produção, que incluem o sujeito, o tempo e o lugar de onde ele enuncia e a ideologia, elementos exteriores ao sujeito produtor daquele discurso. Orlandi (2009) diz que “os estudos discursivos visam pensar o sentido dimensionado no tempo e no espaço das práticas do homem, descentrando a noção de sujeito e relativizando a autonomia do objeto da Linguística”.

Para Pechêux (1990) não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Orlandi diz que a ideologia se materializa no discurso e o discurso se materializa na língua. Portanto, à análise do discurso interessa a relação língua-sujeito-ideologia, daí a compreensão do conceito de discurso. A esse respeito, Mussalim (2006, p.102) afirma que “o projeto da AD se inscreve num objetivo político, e a Linguística oferece meios para abordar a política”. De acordo com Foucault (1996), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Portanto, quando falamos de fascismo e como esta palavra tem sido utilizada na política, na perspectiva da AD, encontraremos meios para analisar o que tem sido dito. Além disso, é importante identificar quem está usando o termo e a quem ele está sendo atribuído. Devemos levar em consideração questões como: onde estão localizados no espectro político aqueles que usam a palavra “fascismo” para descrever seus adversários políticos? Como esse mesmo grupo usou esse termo em eleições passadas? Quais intenções esse grupos têm manifestado na política?

Nesse ponto, se faz importante, também, definir a noção de sujeito. Pechêux não considera o sujeito como individual, mas sim como histórico e ideológico. O sujeito não é dono de seu dizer, visto que é determinado por sua formação social e ideológica. Mussalim explica:

Sendo assim, o sujeito do discurso não poderia ser considerado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas do próprio discurso, mas como aquele que ocupa um lugar social e a partir dele enuncia, sempre inserido no processo histórico que lhe permite determinadas inserções e não outras. (MUSSALIM, 2006, p. 110)

Em outras palavras, o sujeito “fala” a partir de um lugar social e histórico, e nesse sentido o uso que faz da língua – em palavras, orações, textos – o coloca em uma posição de assujeitamento com relação a sua classe, daí a concepção, na AD, de que o sujeito não possui o total controle do sentido. Na análise do discurso, a questão do sentido é fundamental e é constituída na relação da linguística com a filosofia e com as ciências sociais. Para a linguagem produzir sentido, é necessário associá-la à história. Desse modo, a AD é ligada a três regiões do conhecimento: a teoria da sintaxe e da enunciação; a teoria da ideologia e a teoria do discurso a qual se relaciona ao momento histórico. Para realizar essas análises, é necessário levar em consideração as manifestações únicas de cada texto/discurso, e o ponto de vista adotado pelo analista. Isso quer dizer que as experiências e percepções de cada analista influenciarão o que será levado em consideração em uma análise, visto que cabe ao analista construir seu próprio dispositivo analítico e metodológico. Trataremos dessa questão mais adiante, nas análises.

3.2 FORMAÇÃO DISCURSIVA, FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E MEMÓRIA DISCURSIVA

Há, ainda, outro conceito fundamental na análise do discurso: o conceito de formação discursiva. Considerando que na AD são tratadas principalmente as questões ideológicas, todo sentido não se define em si, mas é definido de acordo com as posições ideológicas dos sujeitos que enunciam. A autora explica que, “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito.” (ORLANDI, 2009, p. 43).

A elucidação é necessária para identificarmos a Formação Discursiva do falante, no caso, de quem emprega a palavra “fascismo”, uma vez que ela se relaciona a sua formação ideológica. Orlandi (2009) diz que as formações ideológicas precedem as formações discursivas. Mussalim (2006), em referência a Pechêux, explica a formação discursiva como aquilo que determina o que pode e deve ser dito quando se considera o lugar social do sujeito. Dessa maneira, o sentido das palavras ou frases é deslocado quando há diferentes formações discursivas, uma vez que a formação ideológica também é outra. Para Orlandi, tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações: conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidades, uma vez que aquele que fala, o faz a partir de um lugar,

uma posição, na sociedade. Assim, podemos concluir que é na formação discursiva, a qual depende da formação ideológica, que o sentido do discurso é construído.

Orlandi (2009) ainda elucida acerca da noção de condições de produção. É em determinadas condições de produção que se encontram os contextos ideológicos e sócio-históricos do discurso. Por meio desse conceito, encontra-se a definição do já-dito, ou da memória. A essa memória, é atribuído o conceito de interdiscurso, que pode ser compreendido como o(s) discurso(s) outro(s) com os quais todo discurso se relaciona. O interdiscurso é o lugar onde se encontram e dialogam diferentes discursos, inseridos em contextos distintos, ou seja, a partir de formações discursivas distintas. Nesse ponto, é importante buscar os conceitos de paráfrase e polissemia.

Orlandi (1998) diz que há uma relação contraditória entre paráfrase e polissemia, porque não há um sem o outro, sendo uma diferença necessária e constitutiva. De acordo com a pesquisadora (ORLANDI, 1998, p. 15), “Em termos discursivos teríamos na paráfrase a reiteração do mesmo. Na polissemia a produção da diferença”. Desse modo, quando o discurso se repete, observamos um movimento parafrástico, e quando é observado um novo acontecimento, temos um movimento polissêmico. Todos nós já temos estabelecida em nosso discurso uma construção discursiva com aquilo que vivemos, com o contexto em que estamos inseridos e quando substituímos essa construção por novos elementos discursivos, desenvolvemos novas maneiras de dizer, logo, transitar entre a paráfrase e a polissemia é um acontecimento natural na linguagem. Entretanto, é preciso estar atento quando utilizamos usamos palavras que possuem um significado histórico que desconhecemos. Orlandi diz que essa ressignificação é trabalho da memória e essa relação da memória é constituída pela ideologia. Logo, novos sentidos são constituídos a partir da mudança do já-dito, da memória do dizer.

A respeito do interdiscurso e da memória discursiva, estes também são conceitos centrais na AD, e se referem à relação que todo texto entretém com outros textos/discursos (interdiscurso) e com a memória dos dizeres (memória discursiva), de forma constitutiva. No caso da palavra “fascismo”, estes conceitos são fundamentais para se compreender que este termo não é novo, nem propriedade dos falantes que o empregam, mas remete a uma anterioridade, um já-dito, relacionado a um período da história política da Europa, que teve consequências para a história da humanidade. Nesse sentido, ao ressurgir, décadas mais tarde, em outro contexto – no Brasil, pela fala dos militantes de esquerda –, o termo remete a uma memória de dizeres, isto é, a uma memória discursiva.

Tendo por base o referencial teórico da AD, por meio das noções de discurso, condições de produção, formação ideológica, formação discursiva, interdiscurso e memória discursiva, passamos às análises do corpus selecionado para este trabalho.

4. ANÁLISE DO CORPUS: O USO DA PALAVRA “FASCISMO” PELA ESQUERDA

O corpus de análise deste trabalho de conclusão de curso é composto por um texto publicado no site de notícias Brasil 247, e dois textos extraídos do site oficial do PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados). O Brasil 247 é um veículo de informação digital, e o texto em questão é um artigo de opinião escrito por um professor de Direito que segue a linha editorial de esquerda adotada pelo site. Os textos publicados no site do PSTU têm um caráter editorial e expressam a opinião do partido a respeito de assuntos que estão em questão na sociedade, mais especificamente em relação ao meio político. Desse modo, observam-se as condições de produção em que estão inseridos os textos utilizados no corpus e seus respectivos gêneros discursivos. Esses textos serão transcritos na íntegra e serão grifados alguns trechos para a análise.

O texto retirado do site Brasil 247, uma plataforma digital de viés de esquerda e que se auto-intitula como progressista, tem sua formação discursiva a partir de uma formação ideológica de esquerda e tem veiculado, por todos esses anos, postagens a favor do Partido dos Trabalhadores, tendo sido até citado em delação na Operação Lava-Jato como receptor de propina pelo apoio ao PT, de acordo com o jornal O Globo¹⁵. O artigo em questão, publicado no site e assinado por Agassiz Almeida Filho, professor de Direito Constitucional na Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), procura estabelecer conexões entre a direita emergente brasileira e o fascismo. O texto intitulado “O Bolsonaroismo e a Celebração do Fascismo no Brasil” é transcrito a seguir:

Em agosto de 1914, a quase totalidade da sociedade alemã celebrava a deflagração da Primeira Guerra Mundial como um triunfo nacionalista, uma oportunidade para enaltecer as tradições prussianas contra a influência da cultura latina, uma fonte para a “purificação, a liberação e uma imensa esperança” (Thomas Mann). A histeria generalizada tomou conta do país, criando uma unidade nacional apaixonada, artificial e incapaz, naquele momento, de compreender as implicações sociais da guerra e o brutal custo do conflito para a Alemanha. Quase duas décadas depois, em 1933, também em meio ao fervor nacionalista, Hitler chegaria ao poder através do voto direto e arrastaria o mundo até a Segunda Guerra Mundial. O nazismo triunfava em eleições baseadas na violência política e no desprezo sistemático ou preconceito contra várias minorias étnicas.

Dentre os fatores que levaram os alemães a essa “euforia da catástrofe”, destacam-se as paixões políticas. Trata-se de uma forma de sentir intensa sobre perspectivas e temas políticos que se projeta como mentalidade coletiva e atinge amplos grupos sociais. As paixões políticas não surgem do nada. Sempre há uma certa conexão entre aqueles que vão se apaixonar politicamente e o objeto da sua paixão. No âmbito pessoal, é necessário que as pessoas sintam alguma empatia entre si ou se

¹⁵ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/editora-247-recebeu-propina-pedido-de-vaccari-diz-moro-em-despacho-17065296> Acesso em: 01/11/2018.

identifiquem de alguma maneira para que possam se apaixonar. No plano político, essa conexão entre o cidadão e determinadas posições ideológicas tem como ponto de partida os valores das pessoas. As paixões políticas se instalam quando uma dada perspectiva política coincide com os comportamentos ou modos de pensar que os cidadãos consideram correto.

Existem várias manifestações distintas de fascismo. **Em geral, ele é comumente associado à violência, ao autoritarismo e ao justicialismo, o que o aproxima de alguma maneira do cenário brasileiro atual.** As paixões políticas são um forte componente da onda fascista que atinge o Brasil a partir da candidatura de Jair Bolsonaro. Há uma dimensão coletiva no bolsonarismo que apresenta forte conotação emocional e que tem no ressurgimento do autoritarismo individual, na idiotia de alguns eleitores e na negação da Política três dos seus elementos mais importantes.

Em primeiro lugar, o fascismo bolsonarista ganha projeção através do autoritarismo de muitos brasileiros. Há pessoas que se identificam com o discurso de ódio, com o preconceito, a tortura, o uso da violência, a homofobia, a misoginia e outras bandeiras grotescas defendidas pelo candidato do PSL. Essa identidade entre Bolsonaro e os eleitores autoritários se fortalece na medida em que as manifestações do fascismo passam a circular livremente entre eles e produzem aprovação dentro do seu grupo de adeptos. É como um espaço de liberdade no qual todos podem repetir e praticar muitos dos atos que a ética pública e o Direito não aceitam no Brasil. Nesse sentido, há certa coerência na decisão destes eleitores de apoiar Jair Bolsonaro. São pessoas autoritárias que votam no discurso fascista.

A idiotia é também um dos elementos que explicam a celebração do fascismo no Brasil. Na Grécia antiga, o *ídon* era o indivíduo considerado inferior aos demais por não haver conseguido ou ter perdido a condição de se envolver em assuntos políticos. Entre nós, a idiotia que caracteriza e impulsiona parte dos eleitores bolsonaristas é um pouco semelhante ao sentido da palavra *ídon* na Antiguidade, sem a conotação de inferioridade presente entre os gregos nem fazer referência à capacidade intelectual de cada um. São eleitores que não se identificam propriamente com o discurso de ódio, mas que, por quaisquer motivos, não têm interesses políticos bem definidos, são vítimas da desilusão e votam em Bolsonaro porque está na moda entre os amigos, porque ele faz afirmações chocantes ou por que o bolsonarismo é um contraponto raivoso ao PT. Para estes eleitores, o exercício crítico da cidadania é um ato de menor importância que não merece mais atenção do que um passeio no parque ou uma festa de aniversário.

A negação da Política é seguramente o fator preponderante e mais grave. Muitas vezes está mesclada com o autoritarismo e a idiotia de alguns eleitores. Trata-se de desqualificar a Política e os partidos políticos e negar a importância das instituições democráticas, adotando o discurso fascista como modo de protestar contra os defeitos do sistema político e situar a si mesmo como baluarte moral em relação a tudo o que ocorre de errado na institucionalidade do país. É claro que o elemento autoritário e a idiotia como incapacidade de se envolver nas questões da pólis também atuam aqui de forma determinante. Afinal, o bolsonarismo não possui qualquer novidade em relação ao sistema político tradicional, não tem um verdadeiro plano de governo e é confessadamente contrário às conquistas democráticas das últimas décadas. Na verdade, acreditar nele como forma de negar a Política esconde uma visão autoritária e uma ingenuidade que as *fakenews* trataram de insuflar até converter a celebração do fascismo em uma experiência de renovação do espírito nacional para estes eleitores em particular. Nada mais ridículo e estúpido. Esta absurda situação de culto ao fascismo é resultado de vários fatores diferentes. A crise partidária brasileira, a cultura política dos cidadãos, os desmandos do combate à corrupção nos últimos anos, o *impeachment* inconstitucional de Dilma Rousseff e o comportamento antidemocrático dos meios de comunicação, entre outros fatores, foram fundamentais para que parte da sociedade brasileira sucumbisse ao fascismo.

A idiotia, o autoritarismo e a negação da Política já estavam presentes no cenário social. Foram catalisados por grupos políticos conservadores até produzir o Golpe de 2016 e habituar a sociedade brasileira com a quebra da democracia e a relativização do Direito. As operações anticorrupção e sua dimensão midiática criaram as condições necessárias para que esses fatores ou

anomalias da democracia brasileira ganhassem ainda mais força, fossem assumidas como paixões políticas e substituíssem o Estado Democrático de Direito como alternativas para um convívio social excludente e degradante.

As instituições não podem subverter a ordem constitucional e pretender manter os caminhos da democracia. O Golpe de 2016 e as trapalhadas da Operação Lava Jato – aqui considerada como amplo movimento político e não apenas como atuação do Poder Judiciário – incrementaram no país o costume de contrariar as leis e atuar de forma voluntarista com total falta de pudor. As barbaridades que antes eram praticadas atrás das cortinas, como perseguições, distorções da verdade, o tráfico de influência, manipulações de testemunhas ou a construção de concepções jurídicas absurdas, foram apresentadas a um público que já desejava substituir o sistema político por uma opção autoritária sem contornos racionais previamente estabelecidos.

Agora que amplos setores da sociedade brasileira celebram o fascismo, alguns grupos que apoiaram o Golpe de 2016 e suas nefastas ramificações se dizem surpresos com tamanha incoerência política e moral. Porém, não podem esquecer o papel protagonista que tiveram na construção desta nova face do Brasil, sobretudo porque devem fazer uma releitura sobre seu próprio posicionamento e ajudar o país a superar este grave momento da sua frágil vida democrática.¹⁶

O texto, retirado do site Brasil 247, propaga as mesmas ideias das narrativas criadas pelo PT, como insistir que o processo de impeachment foi um golpe e que há um fascismo em ascensão nos movimentos de direita. Há uma comunhão entre a linha seguida pelo Brasil 247 e a narrativa propagada pelo Partido dos Trabalhadores, ao analisar alguns trechos que o autor usa para justificar o fascismo vindo de Bolsonaro, como o seguinte: “Em geral, ele é comumente associado à violência, ao autoritarismo e ao justicialismo, o que o aproxima de alguma maneira do cenário brasileiro atual”. A partir do enunciado produzido nesse contexto de um artigo de opinião de esquerda que comunga com o discurso do PT em relação ao fascismo, podemos voltar àquilo que diz Payne, na introdução deste trabalho, sobre o fato de que, se formos nos basear apenas nesses elementos citados para descrever um movimento fascista, há muitos governos de esquerda que também deveriam ser chamados de fascistas. Além disso, como corroborado pela visão do texto do PSTU, analisado mais adiante, “Contudo, diferentemente do fascismo, Trump, Le Pen e Bolsonaro estão interessados em participar de eleições e não em organizar movimentos armados ou tentar golpes militares”, logo, esses movimentos de direita estão participando dos processos democráticos por meio de eleições para chegar ao poder e não se observa movimento de violência liderado por políticos de direita ou por seus apoiadores, como houve um liderado pelos fascistas italianos por meio de aparatos paramilitares.

No trecho: “Em primeiro lugar, o fascismo bolsonarista ganha projeção através do autoritarismo de muitos brasileiros. Há pessoas que se identificam com o discurso de ódio,

¹⁶ Disponível em: <https://www.brasil247.com/pt/columnistas/geral/371640/O-bolsonarismo-e-a-celebra%C3%A7%C3%A3o-do-fascismo-no-Brasil.htm> Acesso em: 02/11/2018.

com o preconceito, a tortura, o uso da violência, a homofobia, a misoginia e outras bandeiras grotescas defendidas pelo candidato do PSL”, observamos como o autor passa a dizer “o fascismo bolsonarista”, criando um efeito de polissemia ao oferecer uma nova interpretação do fascismo, sem resgatar a base histórica deste regime totalitário, e reforçando este último com base no autoritarismo, além de descrever Jair Bolsonaro de um modo que não é amplamente identificado por seus eleitores.

O texto ainda reafirma a narrativa liderada pelo Partido dos Trabalhadores, que a partir do recente combate à corrupção, encabeçado pela Operação Lava-Jato, a qual condenou políticos de vários partidos diferentes e grandes empresários, trata todo esse processo de investigação como uma forma de perseguição política, e que fez parte do que eles chamam de “golpe” quando falam do processo de impeachment. Ressalta-se o seguinte trecho: “o autoritarismo e a negação da Política já estavam presentes no cenário social. Foram catalisados por grupos políticos conservadores até produzir o Golpe de 2016 e habituar a sociedade brasileira com a quebra da democracia e a relativização do Direito”. Ao tratar o processo constitucional do impeachment como um golpe, observamos novamente a intenção na construção de narrativas que contrariam os fatos ocorridos, em detrimento de uma versão que busque relativizar os erros do Partido dos Trabalhadores e usar isso como uma estratégia em período eleitoral, como corroborado pela visão do PSTU, no texto que será analisado a seguir.

Além disso, mais uma vez aqui, há uma relação de um conservadorismo político com a quebra da democracia brasileira, estando associado à ameaça do fascismo, mas esquece-se novamente o fato de que o fascismo tinha um caráter anticonservador. Logo, análises como essas não levam em consideração a grande quantidade de interpretações sobre o fascismo ao longo da história, suas complexidades e diferenças que tornam impossível estabelecer uma única maneira de afirmar o que seria ou causaria o fascismo. Ainda há o fato de que, mesmo após todos esses anos, grande parte da militância de esquerda e seus pensadores ainda anseiam por uma revolução socialista e enxergam neste o melhor caminho. Isso nos remete à interpretação de Dutt, que dizia que em determinado ponto de crise do capitalismo, as únicas saídas seriam o fascismo ou o comunismo, é favorável corroborar um só tipo de interpretação como essa.

Na sequência, analisamos dois textos publicados no site oficial do PSTU. Faz-se necessária a contextualização do histórico do PSTU, para identificar o(s) sentido(s) de “fascismo” nesta formação discursiva, considerando-se que todo discurso emana de uma dada

formação ideológica, daí os efeitos de sentido do discurso. No cenário político brasileiro, o PSTU é um partido alinhado à esquerda, sendo considerado de extrema-esquerda, e tem como base ideológica o marxismo e o trotskismo. O partido foi fundado em 1994 por ativistas e militantes ao lado da Convergência Socialista, que havia sido expulsa do Partido dos Trabalhadores. Os fundadores do partido apontavam que a política do PT trairia o que eles consideravam ideal para a classe trabalhadora. Nesse contexto, muitos de seus integrantes enxergaram a necessidade de um partido realmente comprometido com os interesses da causa operária. Esse caráter do PSTU resgata o espírito marxista do proletariado contra o capitalismo, dado importante na análise dos artigos do PSTU.

O período que antecede as eleições presidenciais de 2018 no Brasil tem levado a uma série de debates pela internet e tomaram uma proporção nunca antes vista em outras eleições, graças às redes sociais. Discussões ocorrem a partir de textos que expressam opiniões dos usuários publicados diretamente nas redes sociais, ou a partir de textos de sites de notícias ou partidos políticos que nelas são compartilhados. Essas discussões podem ou não continuar fora das redes, passando a circular em outras condições de produção, como as universidades.

O primeiro texto analisado foi extraído do site oficial do PSTU, publicado no dia 09/04/2018 e intitulado “Frente Antifascista é Manobra Eleitoral”. Um texto publicado no editorial do site de um partido político explora um contexto em que podemos observar um caráter de propaganda política, além de estar localizado na internet, o que dá um amplo alcance ao texto, uma vez que apesar de publicado em abril de 2018, continuou sendo compartilhado, nas redes sociais, próximo às eleições em outubro e atingiu muitos eleitores que usam as redes sociais para se informar. O próprio título já demonstra para qual sentido caminha o editorial do PSTU ao classificar os movimentos da esquerda, supostamente antifascistas, como uma manobra eleitoral. Usamos aqui a palavra “supostamente”, uma vez que essa palavra que expõe um aspecto de dúvida é usada pelo autor do texto. Iremos destacar determinadas passagens do artigo que servirão como base para análise. A seguir, transcrevemos a íntegra do texto:

Os recentes ataques à caravana de Lula no sul do país, incluindo dois tiros contra os ônibus que levavam os participantes, motivaram a realização de um ato suprapartidário “**em defesa da democracia**” no Rio de Janeiro (RJ). O evento foi chamado pelo PT, PCdoB, PSOL, artistas e personalidades com o objetivo de criar uma frente antifascista.

No palco, oradores se sucederam para denunciar a escalada fascista ou neofascista e chamar a unidade da esquerda contra essa **suposta ameaça**. Um dos mais entusiasmados chegou a dizer que “*na luta contra o fascismo, somos todos*”

camaradas”. O público ensaiou o coro “esquerda unida jamais será vencida”. Estranhamente, nenhum dos participantes do ato chamou alguma medida de luta real contra o **supostofascismo**.

É sabido que não se combate o fascismo com atos políticos ou discursos. Se houvesse um movimento fascista, esse teria de ser combatido com a organização de uma ampla autodefesa popular que enfrentasse e esmagasse essa ameaça.

Esta contradição entre os inflamados discursos contra o fascismo e a ausência de qualquer medida antifascista concreta tem uma explicação. Por um lado, não existe uma ameaça fascista real. **Por outro, o PT e os demais partidos de esquerda estão inflando os fatos para justificar uma campanha contra a prisão de Lula.** E, por outro lado, tirar dividendos do controle de uma parte do aparato do Estado envolvendo-se de novo com a corrupção. **Para os trabalhadores, restarão as pequenas concessões sociais. Em troca, as burocracias que controlam os sindicatos e os movimentos sociais se comprometerão a tentar manter a classe trabalhadora e os setores populares submissos e paralisados.”**

Tudo isso é parte de um plano consciente de Lula e da direção do PT para ocultar os motivos do seu desprestígio, reorganizar o partido e reagrupar os movimentos sociais e partidos de esquerda numa Frente Ampla. O eixo dessa frente seria, novamente, o PT, sobrando para os demais partidos a posição de satélites de sua política.

Desde o processo de desgaste, crise e impeachment de Dilma, vêm sendo feitas várias tentativas desse tipo. Primeiro, para defender o governo Dilma e tentar mobilizar contra a sua deposição, criaram a história de um suposto golpe parlamentar e a necessidade de unir toda a esquerda contra ele.

Na verdade, o próprio PT liderava um governo burguês, neoliberal, que atacava a classe trabalhadora com medidas de ajuste fiscal. Outro setor burguês, liderado pelo PSDB, aspirava a substituí-lo, porque acreditava que poderia aplicar mais eficazmente as medidas que protegeriam os lucros da burguesia no pior momento da crise econômica. A luta entre esses dois setores burgueses, fora e dentro do governo (afinal, Temer era vice de Dilma), resultou na deposição de Dilma.

Depois, diante das inúmeras acusações de corrupção contra Lula, lançaram outra cortina de fumaça, a campanha “Eleição sem Lula é golpe”.

Recentemente, um ônibus da caravana de Lula ao sul do país foi atacado a tiros. Essa atitude é grave e precisa ser repudiada por todos. Em nota, o PSTU repudia os ataques e exige pronta investigação e punição dos culpados.

Contudo, o PT usou o episódio para tentar demonstrar a existência de uma ameaça à democracia provocada pelo crescimento de um **suposto** fascismo no Brasil. Também é vergonhosa a exploração do assassinato de Marielle Franco para defender Lula da possível condenação por corrupção.

Frente Ampla por trás da Frente Antifascista. Toda essa longa manobra tem como objetivo não só encobrir as inúmeras denúncias de corrupção que ameaçam Lula e o PT, mas também atrair os partidos de esquerda e as organizações sociais para a Frente Ampla eleitoral.

Tudo indica que a Frente Ampla está se consolidando e construindo uma aliança eleitoral para o segundo turno das eleições presidenciais, talvez até para o primeiro. Já alertávamos, num artigo publicado em edição anterior, que a candidatura Boulos (PSOL) à Presidência seria a ponte para atrair o PSOL para o PT.

Do ponto de vista eleitoral, essa manobra está funcionando. Porém, e de novo fica o alerta, é uma tremenda armadilha para os trabalhadores. **O PT quer voltar ao governo para aplicar a mesma política de antes: favorecer e se aliar aos grandes capitalistas e aos setores mais podres entre os políticos nacionais, como Renan Calheiros.**

Contra essa manobra, é preciso construir uma alternativa classista, revolucionária e socialista que mostre à classe o único caminho para a sua libertação: uma revolução socialista que imponha um governo de trabalhadores.

Afinal, o que é fascismo? Há uma confusão, muitas vezes difundida propositalmente, entre fascismo e partidos ou correntes políticas de direita. O fascismo, sem dúvida, tem posições de extrema-direita, mas a maioria das correntes de direita não é fascista.

Afinal, o que é o fascismo? O fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha foram movimentos que surgiram nas décadas de 1920-30 como resposta do capitalismo à onda revolucionária que se seguiu após a Revolução Russa de 1917.

Esses movimentos cresceram porque a revolução foi vitoriosa na Rússia, mas, no resto da Europa, foi derrotada e perdeu força. Por isso, chegou-se a um impasse entre as forças revolucionárias e as reacionárias.

O fascismo surgiu com o objetivo de romper esse impasse pela força e decidir a luta a favor da ditadura do capital. A base social desses movimentos eram pequenos comerciantes arruinados pela crise econômica e pequenos e médios agricultores em dificuldades, isto é, a pequena-burguesia.

Para atingir esse objetivo, foram organizados grupos paramilitares fortemente armados com recursos fornecidos pelos grandes capitalistas. Assim, atacavam o movimento operário com métodos de guerra civil. Como explicou Nahuel Moreno, fundador da LIT-QI: “todo governo fascista se caracteriza precisamente por esmagar – com métodos de guerra civil e se apoiando na mobilização da classe média desesperada e do lumpemproletariado – a classe trabalhadora com suas organizações sindicais e partidos. Essa é a clássica definição trotskista do fascismo para distingui-la de um governo ultrarreacionário que, embora exista, não é fascista”.

Esses bandos armados realizaram ataques armados às manifestações operárias, assassinatos, invasão e destruição de sedes de sindicatos, incêndios. Seu objetivo era destruir a organização independente da classe trabalhadora.

Na Itália, a organização paramilitar fascista nasceu em torno das “esquadras de ação” e, depois, dos Camisas Negras. Na Alemanha, foram primeiro os Freikorps e, depois, as SAs (“tropas de assalto”).

Os movimentos fascistas buscavam chegar ao poder principalmente pela via armada, como aconteceu na Itália com a Marcha sobre Roma organizada pelo Partido Fascista, ou com a tentativa fracassada do golpe de Munique, impulsionada por Hitler. A participação eleitoral desses partidos era apenas um complemento dessas ações armadas.

Na América Latina, também teve a atuação de organizações fascistas. Foi o caso da Argentina, durante o governo de Isabelita Perón (1975-1976), quando foi organizado um grupo fascista, financiado pelo próprio governo, chamado Alianza Anticomunista Argentina (a famosa Triple A). Esse grupo assassinou várias centenas de ativistas operários e militantes de partidos de esquerda.

Diferença

O fenômeno que observamos hoje em diversos países do mundo é diferente. É certo que há um crescimento de partidos e dirigentes da direita. Donald Trump venceu as eleições nos Estados Unidos. Marine Le Pen, na França, e Jair Bolsonaro, no Brasil, crescem em eleições ou intenções de voto.

O crescimento de posições mais à direita é produto, em primeiro lugar, da crise econômica dos ataques dos governos e da burguesia aos trabalhadores e aos setores médios da sociedade e, principalmente, da reação dos trabalhadores e dos setores populares a essa situação. Há uma polarização social crescente. Os setores médios atingidos pela crise buscam, muitas vezes, alternativas eleitorais que prometem medidas fortes. As ideologias reacionárias se ampliam entre esses setores.

Esse fortalecimento, principalmente eleitoral, de setores de direita é resultado, também, da tremenda decepção popular com os governos chamados de progressistas na América Latina ou com os governos social-democratas na Europa, que aplicaram medidas de ajuste contra a classe trabalhadora e se envolveram em escândalos de corrupção.

Esses partidos e políticos são muitas vezes tachados de fascistas por suas posições reacionárias e por seus discursos autoritários. São, com certeza, posições e personagens repugnantes e devem ser repudiados. **Contudo, diferentemente do fascismo, Trump, Le Pen e Bolsonaro estão interessados em participar de eleições e não em organizar movimentos armados ou tentar golpes militares.**

Saber identificar essa diferença é fundamental para não se deixar enganar pela campanha contra um **suposto** fascismo ou neofascismo no Brasil agitada pelo PT, PCdoB, PSOL e outros. Essa campanha tem o objetivo explícito de encontrar um pretexto para encobrir a enorme traição do PT aos trabalhadores.

Combate ao fascismo. Obviamente, essa situação pode mudar e, com o acirramento da luta de classes, podem surgir movimentos fascistas de verdade. As organizações sociais e populares devem estar atentas para se mobilizarem contra esse tipo de ameaça.

Nesse caso, será necessária a unidade de ação entre todas as organizações dos trabalhadores, mas uma unidade para enfrentar fisicamente o fascismo, com uma forte organização de autodefesa para destruí-lo e não só para denunciá-lo. Muito menos para utilizar esse movimento com fins eleitorais¹⁷.

Como se pode notar pelos trechos destacados no texto, o posicionamento do PSTU consiste em rejeitar a utilização do termo “fascismo” como tem sido feito por parte da esquerda para identificar movimentos emergentes de direita.

O primeiro enunciado do texto, com um trecho grifado em negrito, mostra traços de ironia na visão do PSTU em relação ao ato suprapartidário convocado pelo PT após os ataques à caravana do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, quando o texto caracteriza o ato como “em defesa da democracia”, com o uso das aspas, que são uma forma de não assumir a responsabilidade pelo dito. Para uma melhor análise desse enunciado, precisamos compreender melhor a formação ideológica do Partido dos Trabalhadores. A ideologia política do PT está alinhada à esquerda no espectro político, e tem base marxista. Os primeiros passos do partido foram dados durante o período de ditadura militar e ao longo dos anos, várias bandeiras de movimentos sociais foram levantadas pelos integrantes deste partido. O PT sempre atuou em defesa dos trabalhadores, das minorias e esteve ligado a movimentos como o Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MTST) e à Central Única dos Trabalhadores (CUT). Além disso, o Partido dos Trabalhadores foi o vencedor dos últimos quatro pleitos presidenciais. Ironicamente, os propagadores desse discurso “democrático” e “antifascista”, quando se dizem em nome da democracia, estiveram à frente do governo brasileiro durante 13 anos e sempre consideraram como democráticos regimes totalitários observados em países como a Venezuela, Cuba, Irã e Coreia do Norte, países que vivem sob governos ditatoriais. O texto ainda utiliza a palavra “suposta”, no segundo parágrafo, por exemplo, para tratar da ameaça fascista, cinco vezes, expressando todo o ceticismo do autor em relação à ascensão de um regime fascista. A palavra suposta está grifada outras vezes no texto. Aqui observamos que, mesmo entre dois grupos que estão localizados do mesmo lado no espectro político, há um embate de sentidos em torno da palavra “fascismo”.

Em seu discurso, o PSTU (res)significa o sentido da palavra “fascismo” como uma narrativa de manobra eleitoral usada pelo Partido dos Trabalhadores para costurar alianças políticas e conduzir a esquerda nas eleições em nome da democracia e de um suposto

¹⁷ Disponível em: <https://www.pstu.org.br/frente-antifascista-e-manobra-eleitoral/> Acesso em: 01/11/2018

antifascismo. Além disso, o texto do PSTU faz uma crítica não apenas a essa narrativa do fascismo, mas a outras criadas pelo PT, como ter chamado o processo de impeachment de “golpe”. Como dito no texto do PSTU, “criaram a história de um suposto golpe parlamentar e a necessidade de unir toda a esquerda contra ele”. Usar a palavra golpe nesse sentido resgata ainda o efeito causado quando essa palavra foi utilizada no impeachment de Dilma Rousseff. O PSTU analisa todas essas narrativas como instrumentos usados com finalidades eleitoreiras, e rejeita a política empregada nos governos do PT ao fazer uma análise do lulopetismo, nos seguintes trechos: “O PT quer voltar ao governo para aplicar a mesma política de antes: favorecer e se aliar aos grandes capitalistas e aos setores mais podres entre os políticos nacionais, como Renan Calheiros”; “Na verdade, o próprio PT liderava um governo burguês, neoliberal, que atacava a classe trabalhadora com medidas de ajuste fiscal”. Essa visão do PSTU retoma o sentimento de seus partidários à época em que se desvincularam do Partido dos Trabalhadores para fundar seu próprio partido, quando sentiram que havia uma traição por parte do PT aos interesses do proletariado. Nesse ponto, o PSTU se localiza em uma formação discursiva que corresponde ao proletariado e atribui ao PT o lugar de quem já esteve em defesa dos trabalhadores, mas que, desde que chegou ao poder, colocou-se contra os interesses do operário. Logo, a formação discursiva de quem tem usado a palavra fascismo como manobra eleitoral se relaciona à formação ideológica de esquerda, porém, há setores que representam uma formação ideológica também de esquerda, como o PSTU, que se opõem a essa ideia.

Essa narrativa criada por setores da esquerda, como o representado pelo PT, ganha força ao ser propagada nos meios de comunicação por intelectuais de esquerda que se apoiam naquela interpretação marxista do fascismo baseada na análise de autores como Dutt (1934), já citada nesse artigo. Dessa maneira, cria-se esse fantasma do fascismo por trás dos movimentos de direita. Entretanto, como já mostramos que, segundo Dutt, o fato de o capitalismo se beneficiar do fascismo, é algo que foi contrariado em outras interpretações. Além disso, não é a primeira vez que podemos observar essa estratégia ser utilizada pelo PT. Em outros processos eleitorais, a mesma tática foi empregada pelo partido contra os adversários petistas. No pleito de 2014, Aécio Neves e o PSDB foram chamados de fascistas¹⁸ e até a Marina Silva e a Sérgio Moro o termo já foi atribuído¹⁹. Sempre, coincidentemente em época de campanha quando o lulopetismo indicava uma ameaça aos seus interesses e ao seu

¹⁸ Disponível em: <https://www.ocafezinho.com/2014/10/25/direita-fascista-sai-do-armario-para-defender-aecio/> Acesso em: 03/11/2018.

¹⁹ Disponível em: <https://luzmuller.com/2017/04/15/o-fascismo-avanca-rede-de-marina-silva-quer-dallagnol-e-outros-nomes-do-judiciario-em-seus-quadros/> Acesso em: 03/11/2018.

projeto de propagação no poder. Logo, constatamos que esse recurso narrativo para se beneficiar em tempos de eleições é uma estratégia já utilizada anteriormente.

O artigo do PSTU ainda cita um movimento de direita que tem sido observado em outros países, ao evocar Marine Le Pen, na França, e Donald Trump, nos Estados Unidos da América. É importante ressaltar que essa onda de movimentos de direita começou a ganhar força recentemente a partir dos países do Leste Europeu, tais como a República Tcheca e a Hungria, os quais começaram a propor políticas que tem rejeitado a política globalista que tem se perpetuado no mundo contemporâneo. Em seguida, passou pelo “Brexit”, movimento para retirar o Reino Unido da União Europeia e tem atingido outros países como os já citados, França e EUA. Entretanto, é preciso compreender a distinção entre o nacionalismo nos regimes alinhados ao fascismo e o nacionalismo ou o soberanismo observado nesses movimentos de direita. Ao contrário da análise que tem sido feita a respeito de um racismo ter tomado força nesses países para combater a entrada de imigrantes e usar o fato de que esses governos sejam de direita para associar a uma suposta onda fascista, o que esses movimentos têm representado é uma preservação da soberania das nações, em oposição à política globalista propagada nos últimos anos. Para entender a que se refere esse globalismo, podemos tomar como exemplo a política externa que tem sido alvo de ataques, adotada por Donald Trump. O presidente americano tem sido contrário a tratados globais como o Acordo de Paris, o TPP – Tratado da Associação Transpacífico, os blocos econômicos como União Europeia, além de tecer críticas à ONU por acreditar que esses acordos transnacionais podem ferir a soberania de seu país e influenciar as leis americanas.

A esse respeito, Paul Pauker (2017), em artigo intitulado "The Preservation of American Sovereignty"²⁰, no site American Thinker, define soberania como o poder supremo de uma nação em elaborar e executar suas próprias leis. Nesse sentido, Pauker alerta para os riscos que tratados internacionais como o TPP e o Acordo de Paris podem oferecer à soberania americana, ao definir normas a serem seguidas que poderiam contrariar a Constituição americana, logo, a sua soberania. É nesse ponto que se faz necessária a distinção quando dizem que o governo Trump e outros movimentos de direita são nacionalistas, e por isso podem oferecer risco à democracia, e entender que essa maneira de conduzir a política externa preza por soberania contra a influência de agentes externos globalistas.

²⁰A preservação da soberania americana Disponível em: https://www.americanthinker.com/articles/2017/01/the_preservation_of_american_sovereignty.html Acesso em 03/11/2018.

Para entender melhor a questão, um ponto de embate que tem estimulado esse atrito é em relação aos tratados internacionais de direitos humanos. Enquanto a visão liberal contida tanto na declaração de independência americana quanto na Constituição americana preserva direitos individuais, os tratados internacionais de direitos humanos têm prezado por direitos coletivos ao separar a sociedade em grupos, segundo os critérios de gênero, etnia, cor. Ao lembrarmos algumas características do fascismo, uma delas era exatamente a visão coletivista de exaltar determinados grupos ao basear-se em noções de classe, como na Itália, lembrando que foi a partir do pensamento de que uma classe, o proletariado italiano, estava sendo oprimida internacionalmente e isso foi usado para o crescimento do sentimento nacionalista, ou de raça como no Nacional-Socialismo alemão, em detrimento dos direitos humanos do indivíduo e de considerar a importância do indivíduo.

Payne (1995) diz que, durante o século XIX, as ideias de liberdade individual começaram a ser contestadas por duas novas formas de políticas coletivistas, o nacionalismo e o socialismo, que enfatizavam o conceito de identidade de grupos. O autor diz que o socialismo pareceu tomar um rumo em direção à social-democracia durante um tempo, enquanto o Nacionalismo se moveu em uma direção mais autoritária e agressiva. Entretanto, como já dito, em ambos os casos em que prevaleceu a filosofia coletivista, observada no nacionalismo ou no socialismo, foram observados governos autoritários e violentos.

No entanto, isso não significa que a política externa americana tem se baseado em um nacionalismo antiliberal fechado ao resto do mundo, muito menos tem ameaçado a democracia e ido ao encontro de um fascismo, mas tem privilegiado acordos bilaterais com outros países sem a interferência de grandes blocos e acordos globalistas. Esses movimentos têm se aproximado de Israel, por exemplo, fato que está acontecendo também no Brasil com Jair Bolsonaro, como uma forma de enxergar na política israelense um exemplo da proteção da soberania das nações. Nesse ponto, é necessário refletir: como políticos e nações que se aproximam e se aliam a judeus podem ser chamados de fascistas ou nazistas? E, além disso, sendo o povo judeu o mais atingido pelos regimes totalitários do século XX e, até hoje, tendo problemas em terem sua nação reconhecida, encontram agora nesses regimes de direita esse reconhecimento de seu território. Considerando que, como já constatamos, as duas palavras, fascismo e nazismo, têm sido usadas como sinônimos para ferir moralmente opositores políticos. Soma-se isso ao fato de que esses países têm economias, sociedades, leis e constituições completamente diferentes da Itália ou da Alemanha no cenário anterior à Primeira Guerra Mundial, quando o sentimento nacionalista começou a crescer nesses países.

Rejeitar a proposta globalista construída nos últimos anos não significa imediatamente que, em países onde tem crescido o sentimento nacionalista, está sendo criado um regime fascista. Como descrito no artigo do PSTU, esses líderes de direita estão interessados em participar democraticamente em eleições e não usar meios como exércitos paramilitares para chegar ou se manter no poder. Em nenhum desses países tem sido expresso um interesse em estabelecer um governo totalitário, antidemocrático, antiliberal e com uma proposta de soberania racial que pregue o extermínio de determinados grupos. O que tem sido apoiado é a soberania do Estado-Nação. O que vemos é que o discurso de figuras como Jair Bolsonaro e Donald Trump têm se mostrado atraentes para grande parte da população, visto que os dois foram eleitos presidentes de seus respectivos países. Isso mostra que, ao receber respaldo da maioria da população em eleições democráticas, esses políticos têm se colocado em um lugar que representa várias camadas da sociedade, e não só dos capitalistas ou da classe média, como parece indicar a interpretação marxista sobre o fascismo.

O segundo texto do corpus, também publicado no site do PSTU, reforça a perspectiva do partido contra a banalização da palavra *fascismo*. Transcrevemos o texto a seguir:

“Caça-fantasmas: a ameaça fascista!”, esse é o título que gostaria de dar a esse artigo. Nos últimos anos, mas, particularmente, desde o impedimento de Dilma Rousseff e as manifestações contra seu governo, se alardeou no Brasil o discurso da ameaça fascista. **Na verdade, este tema tem outro precedente de mais larga data: a completa banalização do conceito de fascismo nos movimentos de esquerda. Fascismo virou xingamento, um mero adjetivo usado para desqualificar ações repressivas e posições conservadoras de todos os tipos.**

Mas no cenário atual, essa banalização acima descrita ficou no passado. **O fascismo deixou de ser pura e simplesmente um adjetivo pejorativo. O termo aparece como uma espécie de força imaterial manifesta, por vezes, mas nem sempre, em certos indivíduos.** Um fantasma que assombra por todos os lados sem que ninguém saiba exatamente onde está. Sem qualquer referente em uma organização fascista bem determinada, tudo passa a ser atribuído ao fascismo (ou ao golpe): os assassinatos nas favelas, a repressão às manifestações de trabalhadores, a retirada de direitos, os preconceitos de todos os tipos. O fascismo se converte, assim, de xingamento em uma espécie de sujeito imaterial que, à maneira dos demônios, é o agente oculto por trás de todas as mazelas sociais e políticas.

Ainda assim, no contexto brasileiro atual, seria de grande ingenuidade acreditar que a questão se resume a um mal-uso de um conceito considerando seu conteúdo histórico e social. Essa banalização do conceito de fascismo tem como pano de fundo interesses políticos precisos. Afinal, quem seria o alvo desse movimento fascista emergente no país? Evidentemente, o partido que há pouco foi afastado do poder: o PT. Se a democracia burguesa está ameaçada, se o fascismo marcha no horizonte, então urge uma frente única do conjunto da esquerda com o petismo tendo em vista derrotar a ameaça fascista. **Daí se multiplicam, no seio da suposta oposição de esquerda ao petismo, as justificativas na já cansativa forma adversativa: “Não sou petista, o governo do PT não defendeu os trabalhadores, o PT não é socialista ... MAS ...”.**

Tudo se passa como se o capitalismo, e a democracia burguesa que lhe corresponde, promovesse sempre mais direitos, mais garantias, mais segurança, mais humanidade; não fosse, é claro, o fascismo e o golpe.

O fascismo é, de fato, quanto ao seu conteúdo mais amplo, um movimento conservador, ainda que com relação à sua forma e discursos, esteja orientado para o futuro. Mas conservadorismo e fascismo de modo algum se identificam. Embora as classes dominantes em todas as épocas e lugares fossem sempre defensoras, em alguma medida, das instituições políticas tradicionais, somente diante de um movimento revolucionário organizado emergiram organizações conservadoras, construídas com a intenção de manter as instituições políticas e valores tradicionais, com o uso da força e da repressão se necessário. Este movimento existe desde, pelo menos, a Revolução Francesa. O fascismo, por sua vez, é um fenômeno que só se desenvolveu no século XX.

A defesa do uso da repressão policial e militar também está longe de caracterizar o fascismo. Afinal, em todo e qualquer regime, para que serve o aparato de repressão do estado senão para reprimir toda e qualquer ameaça? Tampouco o anticomunismo pode especificar um movimento como fascista. Afinal, liberais, conservadores e qualquer posição que defenda o capitalismo sob essa ou aquela perspectiva, são, evidentemente, anticomunistas.

Diferente da máxima conservadora e liberal de defesa das instituições oficiais, o fascismo se caracteriza por uma organização que perdeu toda confiança em tais aparatos, inclusive no aparato militar oficial, adquirindo uma forma paramilitar, fortemente centralizada e apoiada em um movimento de massas. O fascismo não se caracteriza, portanto, por ações isoladas verificadas aqui e ali, mas por uma ação organizada e dirigida por um partido. Por um lado, trata-se de destruir diretamente e pela força o movimento socialista, por outro trata-se de buscar uma melhor posição para o país em questão no sistema internacional de Estados, no contexto da dominação imperialista.

Por esse motivo, a necessidade de organizar uma frente única contra o fascismo, defendida, por exemplo, por Leon Trotsky nos anos de 1930, nunca se fundou na necessidade de tal frente para combater essa ou aquela posição ideológica, nem mesmo na necessidade de combater um suposto mal maior. Na medida que o fascismo existe como um partido permanente que, por meios paramilitares, procura destruir diretamente e pela força o movimento operário e suas organizações; faz-se necessário, até mesmo para sobrevivência, unir todas as forças disponíveis para combater e derrotar esse inimigo personificado em uma organização bem determinada: uma organização fascista, como foi o caso dos Centúrias Negras na Rússia, dos fascio de Mussolini, do Partido Nazista, da Falange espanhola e assim por diante. Ainda assim, trata-se de uma frente cujo objetivo é derrotar nas ruas e em combate o fascismo. Não se trata, portanto, de uma unidade programática, como é o caso de uma frente de defesa da democracia (burguesa) e uma nova política econômica para o capitalismo. Ora, se a necessidade de tal frente está colocada no Brasil nos dias de hoje, quem são os inimigos fascistas a serem derrotados?

Por repugnantes que sejam as posições de Jair Bolsonaro, e são, por exemplo, que raios de fascista é este que sequer possui uma organização, que é porta-voz do aparato militar oficial, um “nacionalista” que idolatra Donald Trump e defende uma política econômica liberal com Estado mínimo? Seria o MBL este movimento fascista cujas principais consignais são “liberdade econômica, separação de poderes, eleições livres e idôneas e fim de subsídios diretos e indiretos para ditaduras” assentado no ideal de cidadania? Não sem razão, as ditas frentes antifascistas, encabeçadas pelo PT, quando saem as ruas, não encontram pela frente hordas fascistas prontas para o combate, mas um oceano de propaganda petista sob a forma de defesa do mandato de Dilma, repúdio a possível prisão de Lula, tudo isso adornado com astros da MPB.

Muitos argumentam que ainda não existe um movimento fascista conformado, mas os germens de sua origem disseminados por toda sociedade. **É curioso que tal argumento seja fundamentado em uma suposta onda conservadora, pois historicamente o fascismo se desenvolveu como contrapartida de um movimento operário forte e em ascensão.** Não por acaso, nas primeiras décadas do século XX, Itália e Alemanha possuíam os mais fortes movimentos comunistas da

Europa ocidental. Seja como for, ainda que tal movimento venha surgir no futuro, até lá, a frente antifascista estará a combater fantasmas ou, então, servindo de boi de piranha dos interesses petistas. **A ameaça fascista, nesse caso, não passa de uma ponte argumentativa para que se diga: “Nós não somos petistas, não defendemos o PT, não aprovamos seus 14 anos de governo, MAS, diante da ameaça fascista do golpe e da onda conservadora, VIVA o PT! VIVA o eterno presidente Lula! VIVA os 14 anos de governo petista!”²¹.**

Este outro artigo do PSTU reforça o argumento de que essa forma de usar a palavra fascismo não passa de uma manobra meramente eleitoreira. É o que mostra o seguinte trecho, ao final do artigo: “É curioso que tal argumento seja fundamentado em uma suposta onda conservadora, pois historicamente o fascismo se desenvolveu como contrapartida de um movimento operário forte e em ascensão”, uma vez que voltamos àquela definição de Payne sobre o fascismo ter um caráter anticonservador. Logo, características essenciais que foram utilizadas para tentar definir um fascismo genérico, como anticonservadorismo e antiliberalismo, não estão sendo levadas em consideração quando se diz que políticos conservadores de direita, e que pregam liberdade econômica, seriam fascistas.

Com essas análises, observamos uma contradição entre discursos de diferentes setores da esquerda política a respeito da observação de um movimento fascista no Brasil. E percebemos como a interpretação marxista-leninista de Dutt está presente nos discursos de setores esquerda ao tratar do fascismo e se desconsiderar toda a historicidade por trás do fascismo e várias outras interpretações. Passamos, então, às considerações finais do trabalho.

²¹ Disponível em <https://www.pstu.org.br/os-perigos-da-banalizacao-do-conceito-de-fascismo/> Acesso em: 01/11/2018.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fascismo, enquanto regime político, trouxe graves consequências à história da humanidade e levou o ser humano a cometer inúmeras atrocidades em guerras. Apesar de os estudos linguísticos, a exemplo da análise do discurso, considerarem que a língua não é estática e é passível de ressignificações, observa-se, no atual cenário político brasileiro, o uso indiscriminado de determinados termos que carregam em si um peso histórico tão significativo e que traz à memória um período terrível da história. Além disso, não há um consenso nem entre historiadores para uma definição de fascismo. Quando analisamos os movimentos atuais de direita que estão chegando ao poder em muitos países, observamos tanto políticas liberais quanto conservadoras, ou seja, características que se opõem a definições e interpretações que diversos autores buscam para o fascismo.

Assim, podemos concluir que um acontecimento tão complexo quanto o regime fascista europeu, que envolve política, sociedade, economia e religião tem seus sentidos ameaçados, quando descontextualizados e reduzidos a estereótipos. Banalizar ou naturalizar uma palavra com esse peso pode fazer com que sua carga histórica seja enfraquecida ou até esquecida e podemos ficar sem um referencial se nos depararmos com um verdadeiro fascismo. Ressaltamos, novamente, que esse trabalho não esgota todas as causas que levaram à ascensão do fascismo no século XX e todas as suas formas de interpretações.

O crescimento do nacionalismo ou soberanismo na Europa, e mais recentemente nas Américas, que tem provocado essas discussões, não só no Brasil, mas no mundo inteiro, são indícios de uma possível crise identitária que podemos estar começando a viver, e que pode ser a grande questão da humanidade nas próximas décadas. Para estudos posteriores, podemos nos debruçar sobre essa temática para investigar de forma mais aprofundada o conceito de nacionalismo, que tem crescido no mundo para identificar e compreender esses movimentos e suas possíveis consequências, sejam elas positivas ou negativas, sem criar supostas ameaças baseadas em estratégias com fins eleitoreiros, que não contribuem para alcançar um debate responsável e que, ao invés disso, busque para alcançar uma sociedade cada vez mais livre e que impeça a formação de novos governos totalitários que possam restringir a nossa liberdade. Podemos estudar a questão identitária a partir da perspectiva da análise do discurso buscando compreender a oposição entre os discursos nacionalistas ou soberanistas e os discursos globalistas.

REFERÊNCIAS

- BIOGRAFIA DO PSTU. Disponível em: <<https://www.pstu.org.br/conheca/>> Acesso em 03 de novembro de 2018.
- BIOGRAFIA DO PT – PARTIDO DOS TRABALHADORES
Disponível em: <<http://www.pt.org.br/>> Acesso em 03 de novembro de 2018.
- ARISOTÓTELES, **Retórica**. (Lisboa: IN-CM, 1998).
- Dutt, R. P. **Fascism and Social Revolution**. London, 1934.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola. 1996.
- FRENTE FASCISTA É MANOBRA ELEITORAL. Disponível em: <<https://www.pstu.org.br/frente-antifascista-e-manobra-eleitoral/>> Acesso em: 01/11/2018
- MORGENSTERN, Flavio. **Por trás da máscara** [recurso eletrônico] / Flavio Morgenstern. – 1. Ed.- Rio de Janeiro: Record, 2015. recurso digital: il. Formato: epub. Não paginado.
- MUSSALIM, Fernanda. Análise do Discurso In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, Vol. II, 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003. Cap. 1, p. 13-52.
- O BOLSONARISMO E A CELEBRAÇÃO DO FASCISMO NO BRASIL. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/colunistas/geral/371640/O-bolsonarismo-e-a-celebra%C3%A7%C3%A3o-do-fascismo-no-Brasil.htm>> Acesso em: 02/11/2018.
- ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico**. Revista *RUA*, Campinas, 4: 9-19, 1998.
- OS PERIGOS DA BANALIZAÇÃO DO CONCEITO DE FASCISMO. Disponível em <<https://www.pstu.org.br/os-perigos-da-banalizacao-do-conceito-de-fascismo/>> Acesso em: 01/11/2018.
- PAYNE, Stanley George. **A History of Fascism, 1914-1945**. University of Wisconsin, 1996.
- PECHÊUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução EniPuccinelliOrlandi. – Campinas, SP: Pontes, 1990.
- SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- THE PRESERVATION OF AMERICAN SOVEREIGNTY. Disponível em: <https://www.americanthinker.com/articles/2017/01/the_preservation_of_american_sovereignty.html> Acesso em 03/11/2018